



Paula Dramuce: um exemplo de auto-superação

Notícias, 06.04.2018; Pág 04, ed 30

AZARA CHIMBWA

ENGRAVIDOU aos 15 anos de idade. Nessa altura estudava na terceira classe e os seus pais perderam a vida. Teve que abandonar os estudos para se tornar esposa para sustentar os seus irmãos mais novos.

Hoje conta com 43 anos de idade, casada e mãe de quatro filhos. Apesar das exigências do casamento, não baixou os braços. Foi lutando com as adversidades para ajudar o esposo, filhos e irmãos, fazendo pequenos negócios. Paula Manuel Dramuce, residente no bairro Icidua, arredores de Quelimane, é dos poucos exemplos de auto-superação.

Dos rendimentos decorrentes da renda do trabalho agrícola na sua machamba, começou por juntar o pouco que ganhava. Construiu uma casa melhorada com apoio do seu marido e alargou o leque de negócios. Tratava-se de um caso de casamento prematuro, porque na altura nem a comunidade e nem os vizinhos conseguiram dar resposta em termos de amparo. Como sonhar não é proibido, Paula Manuel Dramuce inspirou-se a partir da sua própria experiência de vida e de sofrimento, e agora tenciona

criar um clube da rapariga no seu bairro, para ensinar alguma arte a outras raparigas órfãs e vulneráveis, como forma de ultrapassarem as barreiras impostas pelas condições de vida.

Acorda cedo e vai à machamba. No seu regresso ainda sobra tempo para preparar o pequeno-almoço para a sua família. Enquanto as crianças vão à escola, ela dedica-se à venda de gelo para os pescadores, produtos industrializados na sua banca, para conseguir algum dinheiro para o sustento.

Por ocasião do 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana, a nossa Reportagem bateu a porta da casa da empreendedora. Não se fez de rogada e respondeu às questões que fámos-lhe colocando.

Sem nostalgia, Paula Manuel Dramuce começou por dizer que teve uma infância triste e atribulada pelas vicissitudes naturais. Aos 15 anos perdeu os seus pais. Passou a viver com os seus tios junto aos seus dois irmãos mais novos.

Como não há bela sem senão, o azar veio novamente bater-lhe a porta. Os tios também perderam a vida. Que desgraça!

Não tinha recursos para sobreviver e ainda por cima com mais dois irmãos. Engravidou e o seu namorado desapareceu. Conti-

nuou a lutar pela sobrevivência e a escola já não fazia parte do seu cardápio de vida, dado o nível de dificuldades e responsabilidades. O seu primeiro filho cresceu num ambiente de dificuldades extremas. Como Deus não deixa o seu filho morrer, apareceu na rota de Paula um jovem com boas intenções. Juntaram-se e vivem juntos até hoje. É um companheiro de luta, mas a frente de tudo está ela, a cuidar dos pequenos negócios para a família.

Quando olha para trás, lembra-se de raparigas cheias de vida com pais despostos a ajudá-las. Mesmo assim, elas não atinaram com essa possibilidade. Só querem "curtir" a juventude.

A ela isso levava à revolta, porque essas raparigas têm tudo para dar certo na vida, mas não querem tirar proveito disso. Mas também há outras raparigas que não têm condições e que gostariam de sonhar. É pensando nessas que Paula sonha quase todos os dias em construir um clube da rapariga para as meninas aprenderem a fazer alguma coisa, como bordados, culinária, corte e costura, entre outras iniciativas do saber fazer.

O sonho é de vidro, mas com vontade, espírito de luta e sacrifício poderá concretizá-lo.